

“Abrassasas”: um painel horizontal da juventude

Entrevista com Reinaldo Volpato

Reinaldo Volpato nasceu em Lavínia, interior de São Paulo, em 1951. Em 1969 foi para São Paulo cursar a Escola de Comunicações e Artes da USP, onde pretendia estudar Teatro. Logo na primeira aula — ministrada por Paulo Emilio Salles Gomes —, mudou de idéia e resolveu fazer Cinema. Antes de se formar já trabalhava profissionalmente como montador dos programas da série Globo Repórter. Sua primeira experiência cinematográfica ocorreu em 1973, quando co-dirigiu e co-montou o curta-metragem Doces e Salgados, junto com Alain Fresnot. Em 1975 dirigiu Bóias Frias, filme com 40 minutos de duração. Na Raiz Produções, criada por João Batista de Andrade, realizou dois documentários sobre poluição: Rio Paraíba e Rio Tietê. Ainda em 75 registrou, no curta Pau Pra Toda Obra, as condições de trabalho dos operários da construção civil. Realizou posteriormente Pergunta de Amor (1978) e Paixão Maria (1979). Em 1979 inscreveu em um dos concursos promovidos pela Embrafilme o argumento que daria origem a Abrassasas, seu primeiro longa-metragem, concluído em 1984.

Filme Cultura — Em que altura da tua carreira você pensou em fazer um longa-metragem?

Reinaldo Volpato — Desde o primeiro dia em que comecei a fazer cinema, mas a idéia só pôde ser viabilizada a partir da aprovação do projeto pela Embrafilme.

FC — Você chegou a fazer assistência de direção de outros filmes?

Volpato — Eu fiz a assistência de direção de *Alice*, de João Batista de Andrade, uma adaptação de *Alice no País das Maravilhas* para a periferia de São Paulo. Trabalhei muito com montagem. Entre curtas, reportagens e longas tenho mais de 300 filmes no currículo. Devo ter montado também uns 40 Globo Repórter e quatro longas, entre eles *Os Mucker*, de Jorge Bodanzki e Wolf Gauer.

FC — Essas experiências anteriores foram decisivas para a realização deste teu primeiro longa?

Volpato — Sem dúvida, ele inclusive é o resultado de uma experiência realizada por mim e mais seis pessoas na Gira Filmes. O *Abrassasas* foi concebido dentro de uma perspectiva estética que desenvolvia algo que nós chamamos de personagem-sujeito, que é uma coisa que a gente já vinha desenvolvendo nos nossos filmes anteriores, ou seja, cada um interpretando a si mesmo. Isso significa trabalhar na perspectiva de que a pessoa que tem a

informação para dar, a dê com total liberdade e responsabilidade por ela. Nosso trabalho se resume então em, juntamente com essas pessoas que vivenciam as experiências que querem revelar para o mundo, co-dirigir e administrar a forma de falar essas coisas todas.

A idéia do *Abrassasas* é de que a gente passasse um tempo dentro de uma comunidade, com um grupo de adolescentes, trabalhando a vida deles ao nível de argumento e roteiro, para que se pudesse fazer um filme na perspectiva do que eles quisessem dizer em São José do Rio Preto. Minha irmã Rita Volpato é responsável pelo argumento, roteiro, assistência de direção e é também produtora associada. O filme, na verdade, foi a tese de graduação dela na ECA.

Eu queria fazer um filme com imagens, sons e ritmos que se diferenciassem do padrão internacional, que fosse desimperialista, descolonizado; que se dispusesse ao debate e à conversa mole dos botecos, instigando as cabeças a pensar outras coisas que não a trajetória dos heróis, mas a pessoa comum que cada um é, e a beleza intrínseca e enorme de ser assim a vida. Queria um filme que resgatasse para o sentimento nosso verdadeiro ato de ser e estar. E queria exprimir nos comportamentos da adolescência nascida e criada nestes últimos 20 anos de História, uma necessidade estrutural de transformação.

Apresentar uma imagem virtual da sociedade brasileira, numa comunidade do interior do Estado de São Paulo, espelho claro das contradições criadas pela centralização de decisões, poderes e recursos. Queria fazer um filme que fosse um instrumento no empenho de criar novas situações de existência, mais livres e justas. Gostosas. E fiz o *Abrassasas*. Uma juventude, uma tentação.

FC — Como foi fazer esse filme a nível de produção?

Volpato — Uma tragédia. A gente não teve lá muita sorte no sentido de que, apesar de termos ganho a premiação da Embrafilme, assinamos o contrato uma semana antes de trocar o presidente da empresa. Saiu o Celso Amorim e entrou o Parreira. Aí foi só confusão. A gente assinou o contrato em março de 82, para filmar no primeiro semestre, e acabou filmando a parte ficcional do filme entre setembro, outubro e novembro, o que foi concluído em fevereiro de 83. O filme ficou realmente pronto em fevereiro de 84, e só foi exibido em São Paulo em 85, no circuito alternativo, o Cinesesc e o Centro Cultural São Paulo. Tudo isso dentro de relações empresariais as mais absurdas. A Gira Filmes não tinha nenhum

capital para tocar o projeto, a não ser os 30% que ela tinha se proposto a dar levantando aportes de prefeitura, amigos, parentes etc. E a Embrafilme atrasou todas as parcelas que eram da responsabilidade dela.

FC — Como se deu o trabalho de atores e a concepção da estrutura dramática?

Volpato — Durante dois ou três meses trabalhamos com os adolescentes num casarão cedido pela prefeitura. Fazíamos laboratórios diários, ensaiávamos, revíamos o roteiro, acabamos também trabalhando um pouco com o vídeo-teipe. Só que, a princípio, íamos filmar em maio, mas isto foi adiado para junho, depois julho, em seguida agosto e finalmente setembro, o que provocou um desgaste muito ruim, difícil de administrar. Não conseguíamos ver a chama da realização na nossa frente. Era sempre uma frustração cotidiana. Estávamos sem um tostão e a Embrafilme sempre atrasando a liberação das parcelas. Quando elas chegavam, tínhamos que pagar as contas que tínhamos sido obrigados a fazer e ficávamos imedia-

tamente sem dinheiro. Foi uma situação de horror a nível de produção, mas muito gostosa na perspectiva pessoal. Quanto à estrutura dramática, o filme não conta uma história especificamente. Um grupo de amigos se encontra numa festinha de aniversário de 15 anos de uma menina. O filme vai mostrando, como um painel horizontal, situações em que cada um desses adolescentes se envolveu, revelando um pouco de sua personalidade, sua classe social etc. Os temas abordados são os estreitamente ligados à adolescência, tais como drogas, sexo, relações familiares, virgindade, a escola, o cotidiano, o enfrentamento com a autoridade, as relações com a natureza.

FC — O que significou para você ter realizado o primeiro longa-metragem?

Volpato — Como primeiro filme, a importância de *Abrasasas* está no fato de que, em primeiro lugar, eu pude exercitar um número muito grande de informações que eu vinha acumulando ao longo dos anos. Por outro lado, é também uma novidade. Com um pouco mais de



Katia Coelho

Abrasasas desenvolve o personagem-sujeito: cada adolescente de S. José do Rio Preto interpreta a si mesmo.

felicidade de produção, talvez o filme tivesse ficado, não digo melhor ou pior, mas de outra forma, mais consistente, orgânico. Por outro lado, considero-o um filme importante assim mesmo como ele está. É uma pesquisa que deve ser desenvolvida.

FC — Você se sente frustrado pelo fato de teu filme não ter sido bem lançado no mercado?

Volpato — Não é que eu me sinta frustrado. Eu sinto que o trabalho ficou incompleto. Quando o *Abrasasas* ficou pronto, a distribuidora responsável, da Embrafilme, fechou. O filme acabou não sendo submetido a uma série de circunstâncias que teriam sido importantes tanto na formação quanto na aferição do produto. Agora, houve muita coisa a favor: por exemplo, as três semanas em que *Abrasasas* ficou em cartaz em São José do Rio Preto (SP), com recorde de público. No Cinesesc e no Centro Cultural São Paulo o público também foi expressivo. A crítica falou bem do filme, e no Rio-Cine Festival de 1985 *Abrasasas* recebeu os prêmios de melhor som e Espírito Carioca. Recebeu também quatro prêmios gover-

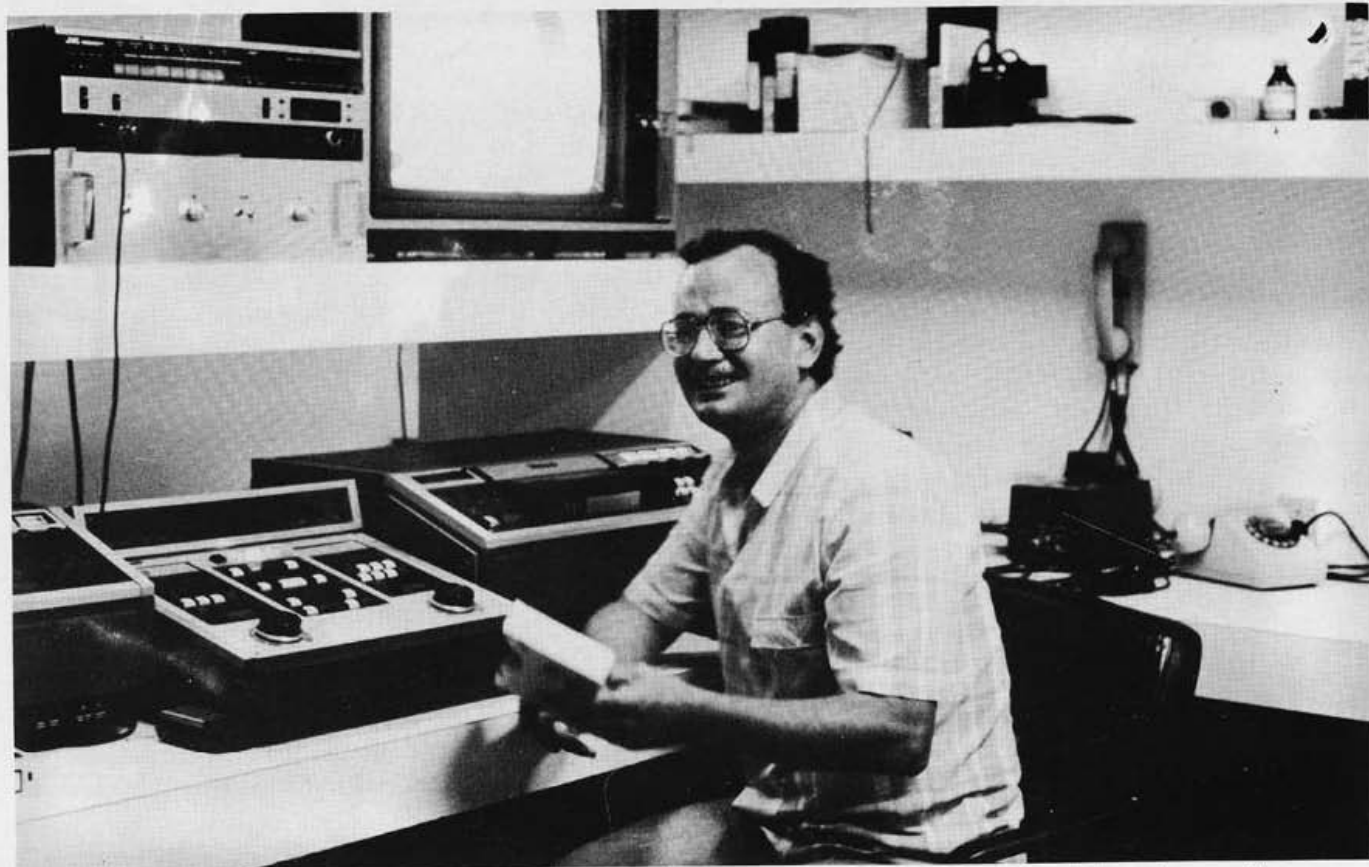
nador do Estado: autoria, ator coadjuvante, som e cenografia, conferidos aos filmes lançados em 86.

FC — Quais são os seus próximos projetos?

Volpato — Atualmente trabalho num projeto de longa-metragem, ainda com adolescentes. O *Abrasasas* eu classifico como um filme horizontal, um filme que passa uma série de informações a respeito dos adolescentes. Esse próximo filme no qual eu estou trabalhando agora é um filme mais vertical, pois se aprofunda na situação de um adolescente.

FC — Qual é a tua concepção de cinema?

Volpato — Acho que o caráter politicamente importante do cinema exige muita responsabilidade do artista criador. Em termos antropológicos ele tem uma função muito importante, que é a de fazer a cabeça das pessoas para conquista de mais justiça, igualdade, democracia. É por isso que eu acho o cinema colonial, imperialista, um horror, porque não exerce uma função transformadora, mas sim de manutenção do *status quo*.



Norma Santos

Reinaldo Volpato: a necessidade de transformação expressa no comportamento de jovens do interior paulista.